



Em torno de *Intelectuais e História: experiências, trajetórias e biografias* – caminhos da História Intelectual.

ERIVAN CASSIANO KARVAT*
VALERIA FLORIANO MACHADO**

Sin intención imperial, esta historia intelectual simplemente tiene como ambición hacer el hacer que se expresen ao mesmo tiempo las obras, sus autores y el contexto que las ha visto nacer, de una manera que rechaza la alternativa empobrecedora entre una lectura interna de las obras y una aproximación externa que priorice únicamente las redes de sociabilidad. La historia intelectual pretende dar cuenta de las obras, de los recorridos, de los itinerarios, más allá de las fronteras disciplinares.

(DOSSE, 2007: 14)

Se a historia intelectual privilegia uma análise que enfatiza as formas de pensar, de discorrer e de imaginar que os seres humanos manifestaram no passado, isso não se dá porque se pense que resida aí uma solução definitiva e única aos enigmas do passado, mas, antes, porque simplesmente se pensa que sem uma atenção meticulosa e exaustiva, sem investigação sistemática dedicada a essa problemática, nossa compreensão da historia permaneceria incompleta. (MYERS, 2016: 23)

1.

A intenção deste texto é de servir como uma espécie de introdução às discussões do Simpósio Temático (ST) “Em torno de *Intelectuais e História: experiências, trajetórias e biografias* – caminhos da História Intelectual”, por nós coordenado nesta XXIX ANPUH. Deste modo, esta comunicação pretende, apenas, levantar questões que nos animaram a propor tal ST, apontando, de mesmo modo, para os elementos observados e que nos orientaram na seleção e organização dos trabalhos encaminhados ao Simpósio.

Assim, de antemão, faz-se necessário observar a escolha do próprio título do ST: **Em torno de *Intelectuais e História***. A intersecção, cremos, sugere a ampliação nas possibilidades de diálogo, contemplando discussões voltadas à tradição da chamada *História de Intelectuais*, bem como – mais ampliadamente – aos trabalhos vinculados aos interesses de uma *História Intelectual*. Portanto, neste conjunto, vê-se trabalhos devotados tanto a traçar um desenho acerca de trajetórias e biografias de diferentes intelectuais, bem como orientados a *problematizar* a circulação de ideias em diferentes contextos, *pensando* a constituição de

* Prof. Dr. (História) Dep. de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

** Prof. Dra. (Sociologia) Dep. Teoria e Fundamentos da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná



2

círculos intelectuais ou, mesmo, problematizando a representação em torno dos chamados intelectuais e seus papéis, bem como em relação às suas *ideias*. Dito de maneira sucinta, “diz respeito às diversas interpretações sobre os agentes, as práticas, os processos e os produtos classificáveis como intelectuais” (WASSERMAN, 2015: 3). De todo modo, fundamentalmente tais abordagens focalizam a *historicidade* de tal papel e de suas obras e produções, questionando-os (papéis, obras, produções) a partir de aspectos vinculados às *histórias e vida*, seja tomada (ou, melhor, *problematizada*) em relação aos aspectos *biográficos* ou de *trajetória*, bem como se voltam aos chamados *objetos intelectuais* – para nos fiarmos na expressão do historiador Carl Schorske (1998: 17) ou ao *conjunto das formas de pensamento*, como quer Chartier (1990: 31). Em relação a isto, ainda, ressalte-se que “a *historicidade* da historia intelectual tem raiz em seu projeto de apreender as ideias, os discursos, o pensamento, as ideologias como artefatos históricos cuja condição de possibilidade de serem portadores de significado exige a presença de um conjunto de interlocutores cuja identidade sócio-histórica possa ser empiricamente reconhecida” (MYERS, 2016: 27).

Com isto, também, entende-se a História de Intelectuais como um a espécie de corolário da História Intelectual ou, ao menos, como um campo informado pelas questões e práticas (mais amplas) oriundas desta. Ainda que nos seja claro que “aquilo que hoje costumamos chamar de historia intelectual delimita um campo de fronteiras frouxas, permeáveis, incertas quica, e em cujo interior entrecruzam-se e sobrepõem-se numerosas correntes disciplinares” (MYERS, 2016 : 23). Claro que tal procedimento não ameniza as dificuldades de delimitação postos pela História Intelectual, contudo, incitando que se procure “mediações entre o projeto pessoal e sua acomodação na sociedade” (PINHEIRO FILHO, 2011: 307), evitando-se procedimentos que, de outro modo – e não poucas vezes – focalizam aspectos da vida de determinados agentes sociais descontextualizados ou desconfigurados, deslocados de qualquer referência a um terreno social ou histórico ou, mesmo, cultural.

A observação de Pinheiro Filho, acima citada, referindo-se ao trabalho de investigação em torno das “mediações entre o projeto pessoal – de intelectuais – e sua acomodação na sociedade”, remete-nos ao *problema do lugar social* ocupado por estes (intelectuais) e, não menos, também, acerca do *lugar social* ocupado pela própria produção intelectual.

O que se impõem, portanto, em relação ao *projeto pessoal* e sua *acomodação* e, principalmente, a *intermediação* entre ambos – remete-nos à própria dimensão política da



3

figura do intelectual e de sua atividade – dimensão precípua às próprias formulações de uma História Intelectual. Como nos lembra Sirinelli, a atenção devotada à história dos intelectuais – e diríamos, à própria história intelectual *in totum* – permitiu “a constituição de um campo historiográfico num outro registro, na encruzilhada do cultural e do político” (1998: 259). Assim, o intelectual – circunscrito social e historicamente e pensado a partir da sua vinculação ou pertencimento – apresenta-se, além de produtor de ideias, como receptor (ou intermediador). Com isso é necessário que se lembre que o “meio intelectual não é um simples camaleão que toma as cores ideológicas do seu tempo”, mas, ao contrário, “concorre para colorir o seu ambiente” (SIRINELLI, 1996, p. 265). Daí se abrem, por exemplo, as ênfases sobre o emprego das noções de itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli (e/ou elites culturais) e que sugerem efetivas possibilidades de aproximação ao tema e de análise (SIRINELLI, 1996, p. 245).

Dessa forma, a História Intelectual, “visa (...) dois polos de análise, de um lado o funcionamento do campo, suas práticas, suas regras de legitimação, seus habitus e suas estratégias, e de outro lado as características de um momento histórico e os modos de funcionamento e atuação da comunidade intelectual” (PANIZZOLO, 2011: 76). Se por isso – ou além disso – sua ambição é a de “elucidar a formação, a produção, a circulação e a recepção das ideias e conhecimentos”, então, “aprender tanto as ferramentas de análise como os mecanismos de transposições intelectuais constitui, por consequência, seu objeto de análise” (RODRIGUES, 2010: 5). Assim, se os “elementos componentes” de uma História Intelectual, conforme sugeria Helenice Rodrigues, tocam questões referentes à produção de/das obras, a posição de seus autores e “as respectivas inscrições nos contextos emergentes (culturais, intelectuais, históricos)”, cabe observar que análises redutoras e simplistas devem ser evitadas – algo que parece ser consensual dentre as várias possibilidades e orientações da História Intelectual, que se recusam a restringir-se “unicamente às leituras internalistas/e/ou externalistas dos textos, privilegiando a interconexão entre contextualismos e análise das obras.”

Assim, ainda que concordando com Chartier que “equacionar os problemas da história intelectual constitui tarefa embaraçosa por múltiplas razões” (CHARTIER, 1990 : 27), *tout court*, podemos aventar a importância de uma história intelectual assentada sobre sua função em restituir as ideias (elucidando-as) aos seus “contextos de produção e de recepção”, buscando-se “uma melhor apreensão dos universos intelectuais” (SILVA, 2002: 13).



4

Contextos estes que possibilitam – ao observador – problematizar experiências, trajetórias e biografias e que, portanto, se colocam também como *problemas* e não – longe disto! – como referências incontestes ou como *dados* inequívocos. A concordar com Jorge Myers (2016: 29):

Reconhecer que toda obra esta atravessada por coordenadas que lhe são extrínsecas, que a transcendem e a contem, é creio, o primeiro *a priori* que define uma perspectiva de historia intelectual: aparece em primeiro plano desde o momento em que o historiador chega a conclusão de que, para reconstruir o sentido original de um texto, de uma pintura, de um plano arquitetônico, de vera ressitua-lo dentro do contexto de significação disponível na época em que foi originado e buscar decifrar, a partir de seu próprio presente, um vocabulário, uma semântica, uma língua (ou línguas) que, por mais que possam parecer familiares, já não o são do todo. Os esquemas de sensibilidade e intelecção dominantes, mesmo em épocas muito próximas, são para nos, ao menos em parte, estranhos, e isso mesmo no caso em que uma parte de nossa própria vida tenha transcorrido por eles: o passado e sempre um país estrangeiro cuja língua exige ser estudada e aprendida antes de que aceite liberar toda a sua riqueza de sentidos possíveis. O historiador que se debruça sobre a história intelectual de vera afinar e esforçar seu ouvido, como quem escuta uma musica nova (neste caso, de tão esquecida) e distante...

Neste sentido, a referência a um *contexto* obriga a tocarmos num problema crucial: o o nosso próprio *tempo* ou *contexto*. Em função do cenário desolador que nos assola presentemente – seja em termos locais/nacionais, de retrocesso político e, principalmente de recessão social, seja em termos *globais*, de andamento de uma agenda assustadoramente conservadora, elitizante e privatista – repensar o lugar e o papel dos intelectuais é, mais que oportuno, necessário. Da mesma forma que o é refletir acerca da circulação das ideias e seus meios e modos de apropriação. Se (vi)vemos um cenário de desmonte de políticas sociais, econômicas e culturais, também deparamo-nos com a insurgência de novas formas de orientações, organização e conduta, fazendo com que repensemos a complexidade das chamadas *formas intelectuais e/ou sistemas intelectuais*, bem como – e como já dito – acerca da *figura* do próprio intelectual. Afinal, concordando com François Dosse, “*hoy es necesario un regreso a la historia de los intelectuales para clarificar lo que se entiende, cuando se invoca esta figura que, paradójicamente, acumula un poder de fascinación y de oprobio en una creciente confusión*” (DOSSE, 2007: 11). Não se pode esquecer que estes agentes e suas ideias e práticas, “*estiveram presentes e atuantes em todos os processos históricos de grande envergadura*”, sendo que “*usaram suas habilidades de discutir, argumentar, projetar o futuro a serviço de combates políticos, o que demonstra a relevância dos intelectuais nas sociedades, como detentores do poder ideológico*” (WASSERMAN, 2015: 64). Inevitável, assim, a



5

História Intelectual e a História de Intelectuais atrelam-se às dimensões de uma História Cultural, de uma História Política, bem como aos estudos do Tempo Presente, além das contribuições interdisciplinares da própria Sociologia ou da Ciência Política. Deste modo, “corresponde a la historia intelectual así como a la historia de los intelectuales interrogar a la vida de las ideas a través de un ir y venir constante entre el pasado y las preguntas que le planteamos al pasado a partir de nuestro presente” (DOSSE: 2007: 15).

2.

É fundamental, portanto, situar o sujeito/agente social em seu grupo social e em seu tempo, rompendo-se com qualquer possibilidade de crença na existência de um *intelectual universal (comprometido)* e, quiça, *transhistórico* – uma vez que este toma diferentes formas ao longo da própria história. Deste modo, portanto, legitimam-se as abordagens devotadas aos aspectos biográficos e de vida dos *intelectuais*. Contudo, faz-se necessário, sempre, frisar determinados cuidados no enfrentamento da questão. Um deles, já dito, é o de se atrelar tais aspectos às próprias dimensões históricas – sociais, políticas, culturais, evitando-se a chamada *ilusão biográfica*¹. Assim, o enfrentamento da construção das trajetórias – ou da “trajetória construída”, segundo Bourdieu (1996:292) – deve resultar a biografia e, desse modo, algo diferente das tentativas de apreensão teleológicas e /ou reducionistas e que buscam estabelecer uma sequência lógica/cronológica dos eventos da vida de uma pessoa, como se tal vida pudesse supor um conjunto coeso, “coerente e orientado” (BOURDIEU, 1997:53). Assim, para Bourdieu, a *ilusão biográfica* advém de uma ideia de biografia (“corrente”) na qual

a vida organizada como uma história (no sentido da narrativa) desenrola-se, segundo uma ordem cronológica, que é também uma ordem lógica, a partir de um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até ao termo que é também um alvo, um cumprimento (*telos*). A narrativa (...) propõe acontecimentos que (...) tendem a, ou pretendem, organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis (1997:54).

Ao contrário, desse modo, a construção da noção de trajetória suporá a “série das posições sucessivas ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos” (BOURDIEU, 1996:292) e também “num espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 1997:58).

Portanto, noções como agentes, estrutura do campo (simbólico, político, cultural) e

1 A reflexão que se segue foi (re)tomada a partir de KARVAT (2016).



6

suas “forças”, *habitus*, disposições, estratégias, colocações e deslocamentos – fundamentais a qualquer abordagem de uma História Intelectual – passam a compor a intriga biográfica, sendo a trajetória a própria objetivação da relação entre os agentes – e seus *habitus* – e as “forças do campo”, lembrando que “para que um campo funcione, é necessário que haja paradas em jogo objetos de disputas e pessoas prontas a jogar esse o jogo, dotadas de *habitus* que implique o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes ao jogo, das paradas em jogo, etc.” (BOURDIEU, 1983).

Diferentemente das biografias que impõe um senso de coerência, no entanto esvaziadas de tensão entre sujeitos e circunstâncias sociais (entendendo-se, aí, pertencimento e posição num dado campo, deslocamentos, etc) – e para as quais Bourdieu sugere como o “absurdo” de uma suposta tentativa de em se “explicar um trajeto de metrô sem se levar em conta a estrutura da rede” (BOURDIEU, 1996: 292 e 1997: 58) – temos no exercício das trajetórias sociais exercícios que tentam alocar o agente em tensão ao seu tempo, sua geração ou a um dado campo, possibilitando-se enfrentar, assim, o lugar e posições que os agentes assumem (negam ou reivindicam) e que, por vezes, sugerem contradições (ou outras dinâmicas) quanto aos próprios papéis assumidos e/ou ideias enunciadas por estes mesmos agentes. Contradições e/ou dinâmicas, estas, não subsumidas às biografias que comumente transformam vidas em espécies de *curriculum vitae* ou cartões de apresentação, nos quais uma carreira ou uma vida é enredada “como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um “sujeito” cuja constância não pode ser mais que a de um nome próprio socialmente reconhecido” (BOURDIEU, 1996: 292).

Assim, com o *problema* das trajetórias, entendemos que a recorrência a tal possibilidade permite um olhar que apreenda mais cuidadosamente a relação entre o agente/sujeito, seu contexto/circunstâncias e a própria produção intelectual, sua circulação e apropriações. O estudo de trajetórias, vinculado ao jogo de escalas, deve propiciar um melhor entendimento acerca da existência e presença de *intelectuais*, suas ideias e posições frente a outros intelectuais e seu tempo, evitando-se atrelar *tais experiências* a um contexto dado, que as justificaria, ou buscando-se regularizá-las a partir de generalizações. Da mesma forma, evita a compreensão equivocada das biografias, como uma sequência lógica e cronológica que atrela acontecimentos tal unicamente a vida individual de um dado agente/personagem, alijando-o das circunstâncias sociais e históricas.



7

Por fim, uma última observação, considerando a natureza, tal como observado linhas acima, de Apresentação deste texto: o sentido da expressão *Experiência*, tal como aparece no título deste ST. Assim, se a palavra, em um ST, sugere a diversidade dos próprios trabalhos a serem apresentados, também permite outras possibilidades ao tratar de discussões em torno da História Intelectual. Neste sentido, comungam-se aqui as orientações sugeridas por Raymond Williams, de experiência como um conhecimento – reunido a partir de acontecimentos passados –, bem como um “tipo específico de consciência”, buscando-se, principalmente, perceber as relações entre estas duas diferentes orientações (WILLIAMS, 2007: 171-172). O que se coloca, portanto, é a própria *problematização* em torno de apreensão e compreensão do tempo, entre a própria experiência em relação ao *passado* e/ou ao *presente* e às ideias, por exemplo, de pertencimento e/ou (com)partilhamento desta experiência. Por isto, um termo como *geração* (e suas *experiências*) também se torna imprescindível aos estudos devotados à produção/circulação intelectual, bem como aos próprios intelectuais. De mesmo modo, volta-se ao problema da historicidade, apontado acima e visto, aqui, como elemento que propicia a compreensão da própria experiência e dos imbricamentos entre passado e presente.

De mesmo modo, a categoria parece sinalizar a relevância das experiências dos atores sociais como categoria sociológica, lembrando que experiências tidas como intelectuais também se inscrevem no campo e complexidade das chamadas experiências sociais, caracterizando-se como noção que designa as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no bojo desta heterogeneidade (DUBET, 1994). Por certo, tomada a partir desse viés, a própria noção – de experiência – se constitui como problema possível para uma provável agenda no campo da História Intelectual, uma vez que traz à tona, temas vinculados às lógicas da ação, às tomadas de posição e, ainda, à autonomia dos próprios atores sociais.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da acção. Oeiras: Celta, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CHARTIER, Roger. História intelectual e historia das mentalidades: uma dupla reavaliação.



8

In. _____. **A história intelectual: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990. p. 29-67.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual.** Valencia: Universidad de Valencia, 2007.

DUBET, François. **Sociologia da experiência.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

KARVAT, E. C. As vidas de Faris Michael: reflexões acerca de trajetórias de vida, biografias e escritas da história. **Anais do XV Encontro Regional de História.** Curitiba: Anpuh PR/UFPR, 2016.

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In. SÁ, Maria Elisa Noronha de. **Historia intelectual latino-americana : itinerários, debates e perspectivas / organizacao.** Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2016. p. 23-56.

PANIZZOLO, Cláudia. A história intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. **Ponto e vírgula: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, 10, 2011. p. 74-88.**

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição. In. BOTELHO, A. ; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). **Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança.** São Paulo: Cia. das Letras, 2011. p. 302-313.

SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle: política e cultura.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SILVA, Helenice Rodrigues da. História intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis. In. _____. **Fragmentos de história intelectual: entre questionamentos e perspectivas.** Campinas: Papirus, 2002. p. 11-27.

_____. Apresentação. História intelectual: ideias e conhecimentos: produção, circulação, transmissão. **História: questões e debates,** Curitiba, DEHIS UFPR, v. 27, n. 53. Jul. / dez. 2010. p. 5-8.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. Rémond, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In. Rioux J.-P. ; Sirinelli, J.-F. (orgs.). **Para uma história cultural.** Lisboa: Estampa. p. 259-279.

WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos: revista do Programa de Pós-Graduação em História e ao Curso de Graduação em História da Universidade do Oeste do Paraná, Mal. Cândido Rondon, vol. 19, 2015. p. 63-79.**

WILLIAMS, Raymond. Experiência [*experience*]. In. _____. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2007. p. 171-175.